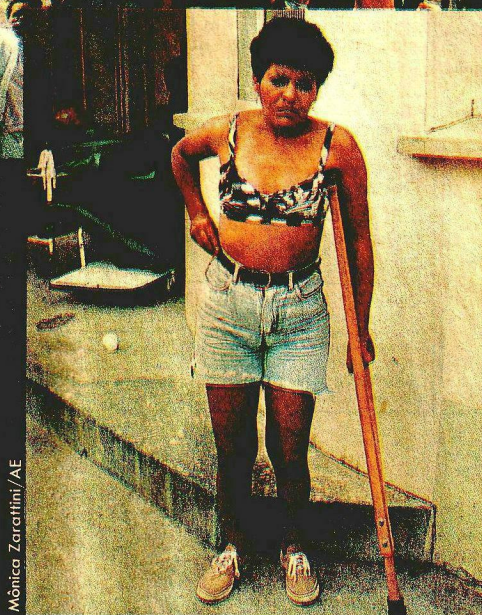




Vidal Cavalcanti/AE



Cláudio Geronzi/Solaz/AE



Mônica Zerottini/AE

O HC (foto maior) entra no 16º dia de greve, que ganhou ontem a adesão de funcionários de mais seis hospitais (foto acima). A paralisação fez com que Maria Helena Fonseca (ao lado), 32 anos, passasse por maus momentos ontem no Hospital do Mandaqui. Com os joelhos atrofiados por causa de um aneurisma, não conseguiu fazer sua sessão de fisioterapia. Sem o tratamento, Maria Helena terá mais dificuldades para voltar a andar.

COLAPSO NA SAÚDE

Funcionários de sete hospitais aderiram à greve. E os médicos também podem parar.

A greve dos funcionários da saúde ganhou fôlego a partir de ontem, com a adesão de mais seis hospitais ao movimento. O Instituto Adolfo Lutz faz hoje uma greve de advertência por 24 horas. Também cruzam os braços os funcionários do Hospital do Servidor Público Estadual e do Emílio Ribas. Até ontem, apenas os servidores do Hospital das Clínicas (HC) estavam em greve.

Hoje, quando a greve do HC entra em seu 16º dia, a previsão é de que pelo menos 15 mil funcionários da saúde do Estado tenham suspenso suas atividades em protesto contra os baixos salários e o abandono dos hospitais públicos. Ontem, o atendimento ambulatorial dos hospitais Dante Pazzanese, Centro de Referência e Treinamento em Aids e Hospital do Mandaqui — além do HC — foi suspenso por falta de funcionários. Estão parados desde ontem também os empregados do Hospital Regional de Osasco, do Hospital Guilherme Alvaro, em Santos, e do HC de Ribeirão Preto. A Superintendência de Controle de Endemias (Sucen), na Capital, também está paralisada. Em todos eles, 60% dos funcionários mantêm a atividade para não comprometer os serviços de emergência.

Se não houver acordo entre os grevistas e o Estado, a partir do dia 11 todos os servidores da rede estadual de saúde ameaçam paralisar suas atividades. “Queremos deixar claro para a população que não lutamos apenas por melhores salários, mas também por um tratamento mais digno aos nossos doentes, que têm o direito de exigir hospitais equipados”, disse o diretor do Sindicato dos Trabalhadores Públicos no Estado de São Paulo (Sindsaúde), Ângelo D’Agostini Júnior.

O Sindicato dos Médicos de São Paulo confirmou para a próxima quinta-feira, dia 6, uma greve geral de 24 horas. O movimento pode atingir cerca de 50 hospitais do Estado. Na mira da paralisação, estão incluídos os 7,5 mil médicos do serviço municipal. Ontem, de acordo com o presidente do sindicato, Eurípedes de Carvalho, a greve na Capital restringiu-se ao HC, mas com grande adesão.

Uma tentativa de acordo ontem, entre o secretário municipal de Saúde, Raul Cutait, e a direção do Sindicato dos Médicos, também não obteve sucesso. O sindicato reivindica um piso de três salários mínimos do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), cujo valor em abril estaria em torno de Cr\$ 40 milhões.

Para Carvalho, o governo paulista parece não estar interessado na solução do problema. “Ele entende que a greve é inevitável, mas tudo indica que, a médio prazo, está adotando uma política de privatização dos serviços médicos no Estado.”

No final da tarde de ontem, representantes do Sindicato dos Médicos e do Sindsaúde reuniram-se com o secretário estadual da Administração, Miguel Tebar. “Queremos ter uma posição definida, para que possamos levá-la ao governador. Até agora, as reivindicações apresentadas transcendem a capacidade do Governo”, disse.

Antes disso, representantes dos dois sindicatos reuniram-se durante 3h30 com o secretário estadual da Saúde, Vicente Amato Neto, para discutir a questão salarial. Segundo Eliane Cruz, do Sindsaúde, Amato disse que essa pode ser uma das maiores greves que já ocorreram no Estado. Ao final da conversa, porém, nada ficou decidido. “O governo está pagando para ver a greve”, afirmou Carvalho.

A situação dos hospitais em greve

	Em greve (dias)	Funcionários*		Médicos		Leitos.		Adesão**
		total	déficit	total	déficit	total	desativados	
HC	16	2.898	1.802	1.237	1.447	2.000	800	65%
E. Ribas	1	571	288	200	276	350	242	n.e.
Dante Pazzanese	2	141	367	129	169	219	-	n.e.
Mandaqui	2	330	705	300	312	450	100	n.e.
Regional de Osasco	2	481	514	308	262	419	242	n.e.

(*) Inclui enfermeiros, atendentes e auxiliares.

(**) Registro da adesão de funcionários à greve

Obs.: O movimento teve início hoje no Emílio Ribas. Nos hospitais Dante Pazzanese, Mandaqui e Regional de Osasco a paralisação começou ontem. A estimativa de déficit de médicos está baseada em dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), que estipula 1,5 profissional por leito. No quadro, n.e. significa adesão não estimada.

Fonte: Sindsaúde.

